



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do projeto de urbanização do Igarapé da Cachoeirinha, assinatura de ordens de início das obras da ponte sobre o rio Negro, de ordens de serviço do PAC e do Pacto Federativo do Programa “Territórios da Cidadania” do Amazonas

Igarapé da Cachoeirinha-AM, 06 maio de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Amazonas,
Meu querido governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga,
Meu querido prefeito de Manaus, companheiro Serafim,
Ministros que me acompanham nesta viagem,
Deputados federais,
Deputados estaduais,
Prefeitos,
Secretários,
Nosso companheiro presidente do BNDES Luciano Coutinho,
Nossa companheira presidente da Caixa Econômica Federal, Maria
Fernanda,

Companheiros de Igarapé da Cachoeirinha,

Eu estava com um monte de documentos, ali, que a minha assessoria me deu para ler, tinha até um discurso por escrito que eu vou deixar guardado para outro Igarapé. Na verdade, eu quero ter uma prosa de companheiro para companheiro com vocês, para que a gente possa compreender o que está acontecendo no nosso País. É importante que a gente sempre faça uma reflexão, porque é próprio do ser humano querer cada vez mais, mas é importante não perder de vista cada milímetro de conquista que a gente tem na trajetória de nós como seres humanos, e de nós como governantes desses municípios do estado e do País.



Quando eu venho a Manaus, eu venho com orgulho redobrado, porque não vim a Manaus como candidato à presidente apenas, eu venho a Manaus desde de 1980. Eu nem pensava em ser candidato à presidente da República e estava na porta de fábrica, aqui, fazendo campanha salarial, lutando contra o desemprego nesta cidade. Bastava que o Sindicato dos Metalúrgicos me telefonasse, eu saía de São Bernardo do Campo e vinha para cá participar de assembléias.

Pois bem, eu quero dizer para vocês que o maior orgulho que eu tenho é saber que essa nossa querida Zona Franca – quando tomamos posse em 2003, Eduardo e eu – tinha apenas 50 mil metalúrgicos trabalhando, e hoje nós já temos 115 mil metalúrgicos trabalhando na Zona Franca de Manaus. São, na verdade, 65 mil trabalhadores a mais em cinco anos. E pode melhorar mais, se a gente compreender que a Zona Franca não é nenhum favor para o estado do Amazonas. É um dever do Estado brasileiro cuidar de um estado que tem as características que tem o estado do Amazonas, com a maior quantidade de água doce deste País; com a maior floresta tropical deste Planeta; que precisa ter um modelo de desenvolvimento diferenciado e precisa receber, sim, o apoio do governo federal, com incentivo para que as indústrias que se implantem aqui não sejam indústrias poluídas com as que já se implantaram em outras partes do Brasil.

Meu caro Eduardo, nós estamos agora discutindo a reforma tributária. Vamos lançar na próxima segunda-feira, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, um projeto de política industrial. E você pode ficar certo de que tanto na reforma tributária ou na política industrial a região Norte do País será lembrada e, dentro da região Norte, será lembrado o estado do Amazonas, porque só pode falar mal da Zona Franca quem nunca botou os pés aqui neste estado ou quem não sabe o que ela significa para a economia deste estado.

A segunda coisa importante é que hoje tem muita gente no mundo dando palpite sobre a Amazônia. Eu nunca vi tanta gente dar palpite sobre a



Amazônia. Você chega em qualquer parte do mundo, o cidadão não sabe nem onde fica o Brasil, mas está dando palpite sobre a Amazônia. Eu queria dizer para vocês: se eles cuidassem das florestas deles como eles querem que a gente cuide da nossa, eles não seriam países carecas, que não têm mais uma árvore plantada porque desmataram tudo. Nós precisamos dizer, aqui dentro e lá fora, que nós queremos, de forma responsável, cuidar das nossas águas, que nós queremos cuidar das nossas florestas, mas as pessoas precisam lembrar que nesta região moram 25 milhões de habitantes que querem ter direito a casa, a água, a carro, a computador, a trabalho, a estrada, a ferrovia, querem ter o direito de viver condignamente. A gente não pode pensar na Amazônia como se fosse um santuário da humanidade. Nós temos que pensar na Amazônia... No dia 8, todos os governadores da parte da floresta amazônica, estarão lá Brasília, porque nós vamos lançar um programa de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. Nós queremos discutir corretamente como aproveitar as madeiras, fazendo o manejo correto da floresta. Nós vamos ter que discutir como é que a gente vai aproveitar a riqueza da biodiversidade que tem na Amazônia. Em vez de virem gringos aqui roubar as espécies que nós temos, vamos nós investir em pesquisas, em ciência, para que a gente seja dono da nossa riqueza e não apenas dê a nossa riqueza para os outros. É preciso que o mundo aprenda uma lição: O Brasil já não é mais um coitadinho. O Brasil já sabe andar com as suas próprias pernas, o Brasil já sabe enxergar com os seus próprios olhos, e nós não queremos mais que palpiteiros venham aqui dizer o que a gente tem que fazer. Quando a gente quiser conselho, a gente pede. Quando a gente quiser opinião, a gente pede.

Agora, governador, inventaram uma nova contra o Brasil. O Brasil virou o maior exportador de carne do mundo, o Brasil é um dos maiores exportadores de soja do mundo, o Brasil é o maior exportador de café do mundo, o Brasil é um grande exportador de muitas outras coisas. E eles, agora,



inventaram: “Vai faltar alimento no mundo, porque o biocombustível está tomando lugar da produção do alimento”. Sacanagem pura, malandragem pura de quem não tem competência para competir com o Brasil. O álcool americano, produzido de milho, custa mais do que o dobro do nosso e produz muito menos. O álcool produzido de beterraba, na Alemanha, produz menos do que o nosso, por hectare, e é mais caro. E eles, agora, ousaram dizer que o biodiesel está causando problema de alimentos. Na verdade, nós temos um problema de alimentos, nós temos mais chineses comendo, nós temos mais indianos comendo, nós temos mais brasileiros pobres comendo, nós temos mais nordestinos comendo, nós temos mais latino-americanos comendo, nós temos mais africanos comendo. E eu acho que esse é um bom problema. Olhem o mapa do mundo, tirem a Amazônia de fora, e se tem um lugar que a gente tem terra para plantar comida, é exatamente o nosso querido País. É exatamente este País que tem mais fotossíntese que qualquer outro, que tem água e tem gente trabalhadora. É por isso que este moço anunciou aqui o chamado Territórios da Cidadania, são quase 600 milhões de reais para ajudar no desenvolvimento da agricultura, mas também os empreendedores da região metropolitana de Manaus.

Mais ainda, companheiros e companheiras, eles não sabem que o Brasil adquiriu vontade de ser grande. O Brasil, a vida inteira, era chamado de país emergente. A vida inteira disseram que o Brasil era o celeiro do mundo e passava o ano, a gente nascia pobre, crescia pobre, morria pobre, nascia o nosso filho pobre, crescia e morria pobre. E eu fico pensando: é só olhar uma foto daquela ali. A gente não precisa nem discurso. Olha aquela foto ali, que a gente vê como é possível mudar este País, a gente vê como é possível mudar esta nação.

Porque, antigamente, o político não gostava de fazer obra assim, não. Porque aí, você vai colocar cano embaixo da terra, não dá para colocar o nome da mãe, o nome da sogra, o nome do sogro. Então, era preciso fazer ponte,



para colocar o nome: “ponte não sei das quantas”. Agora, o valor de uma obra dessa, não é a placa do nome de um parente, é uma criança poder brincar na rua sem pisar em esgoto a céu aberto, é uma criança não pegar verminose, é uma criança não pegar doenças, como pega em muitos lugares do Brasil.

É por isso, meu caro Eduardo, que o PAC, aqui no estado do Amazonas, são 10 bilhões de reais até 2010. Só aqui, para a capital, é mais de 1 bilhão de reais e nós vamos fazer o que é preciso fazer. Esse gasoduto Coari-Manaus, eu nem tinha barba branca, já o prometiam. Pois bem, nós estamos fazendo-o. Como estamos fazendo a transposição das águas para levar água para 12 milhões de nordestinos pobres, lá no Nordeste brasileiro, como estamos fazendo as ferrovias e vamos fazer muito mais.

Mas eu estou muito feliz, porque eu lembro, Eduardo... Você, não, porque você é engenheiro, contra engenheiro não tem muito preconceito. Mas, contra torneiro mecânico e nordestino, tem preconceito. Eu, esses dias, vi um vídeo de um cantor americano que foi em um programa de calouros. Eu esqueci o nome dele. Mas ele foi cantar uma música, eu acho que do Pavarotti, e ele disse que era tenor. Ele, quando foi se apresentar, os três jurados começaram a rir da cara dele. Ele era como nós, meio baixinho, meio gordinho, meio bonitinho, meio feinho. E os três jurados achando que eram onipotentes, começaram a rir da cara dele. Aí, ele começou a cantar. Quando ele começou a cantar, os três jurados foram fechando a boca, foram ficando ridículos, e esse companheiro já gravou dois CDs e é o melhor tenor americano, hoje, em apenas poucos anos. Eu estou dizendo isso, pela minha experiência de vida.

Quando nós ganhamos as eleições, todo mundo dizia: “O Brasil vai quebrar, esse Lula não vai dar certo. Imagina, esse retirante nordestino quer governar um país que sempre foi governado por doutor, sempre foi governado por gente lá de riba, lá do andar de cima, não vai dar certo”. O que eles não sabiam é que eu tinha a convicção de que eu sabia mais do que eles e que eu não podia errar. Isso é que eles não sabiam: é que não podia errar. E por isso,



eu montei uma equipe de qualidade. Apanhamos que nem cachorro sarnento. Não foi fácil, não. Eu tinha até medo do segundo mandato, porque eu achava: se eu apanhar tanto, como eu apanhei no primeiro, eu vou morrer de pancada. Mas, graças a Deus, nós aprendemos uma lição: das coisas ruins da vida da gente, a gente precisa tirar proveito. Eu acho que, de vez em quando, Deus faz as coisas conosco de propósito, para saber se a gente vai passar na aprovação. Ele passou. Pois bem, nós passamos.

E, outro dia, quando eu chamei esta mulher, aqui, de mãe do PAC, teve gente que não gostou. Ela é a responsável pelo sucesso do PAC, porque é ela que controla, é ela que fiscaliza, é ela que cobra, é ela telefona para o Eduardo, é ela que cobra do Alfredo, que cobra do Márcio. Ora, então, nós estamos provando o quê? Que governar é a gente saber de que lado a gente está e para quem que a gente quer fazer as coisas. Eu digo sempre: eu governo para todos, eu não faço distinção, mas eu não tiro o olho de onde eu vim. Eu vim do meio dos pobres deste País e é para eles que nós precisamos governar.

Ontem, o Luciano Coutinho, que é um dos brilhantes economistas deste País, deve ter ficado feliz porque, na sexta-feira, saiu uma palavra na televisão: Brasil conquista Investment Grade. Esse “grade” tem uma mistura de “R” com “L” que é até difícil de falar. Aí, eu fiquei pensando: que diabo que é Investment Grade? Aí, fui perguntar para um assessor meu. Ele me disse: “Presidente, isso é grau de investimento”. E eu falei: “que diabo é grau de investimento?” Aí ele me explicou e eu aprendi. Sabe o que é isso? Duas pessoas, uma que trabalha e outra que trabalha, as duas ganham o mesmo salário. Uma, cuida bem da família, paga as contas e ainda faz uma micro-poupança para eles. A outra, gasta tudo no jogo, não trata bem a família. O Investment Grade é aquele que paga as coisas bem. E o Brasil, na verdade, virou Investment Grade porque o Brasil toma conta do seu nariz, decide a sua política econômica, decide aquilo que nós queremos fazer.



Bem, se vão entrar mais dólares ou não no Brasil, eu não sei. Tem gente, governador, que está preocupada e diz assim: “Agora vai entrar muito dólar no Brasil”. Ora, eu passei a vida inteira vendo os economistas descreverem que era preciso entrar dólares no Brasil, milhares de artigos: “O Brasil precisa captar recursos no exterior”. Agora que tem chance de entrar, nós vamos estar com medo? Não. Nós precisamos diferenciar o dólar que vem para investir na geração de empregos e o dólar que vem para investir na especulação financeira. Este da especulação financeira, nós temos que banir. Agora, aquele que vem para investir em uma fábrica, nós temos que dizer: pode vir dólar, pode vir euro, pode vir yen, pode vir o que quiser porque o povo brasileiro não tem preconceito contra dinheiro. O nosso preconceito é contra a miséria, o nosso preconceito é contra a pobreza a que o povo está submetido, o nosso preconceito é porque este País perdeu quase que 50 anos na suas oportunidades de desenvolvimento.

Pois bem, meu caro governador, meu caro prefeito, vocês não vão cansar de mim, porque eu tenho que vir aqui, ainda. Eu vou lá em Coari para ver colocarem os tubos embaixo da terra e na água, tem mais igarapé para inaugurar, mais coisa de água para inaugurar aqui em Manaus, tem mais escolas técnicas para inaugurar aqui no estado do Amazonas e tem muito mais coisas. E ainda o Alfredo me disse que vai terminar a BR 319, ligando Porto Velho a Manaus.

Pois bem, eu quero, depois de todas as brincadeiras que eu disse aqui, eu quero dizer para vocês que eu me sinto um homem feliz. Eu tenho consciência de que já fizemos muito, mas tenho consciência de que ainda falta fazer muita coisa neste País. Afinal de contas, ninguém consegue consertar em poucos anos aquilo que foi o desmazelo de décadas e décadas de pessoas neste País. A única coisa que eu posso garantir para vocês é que este estado aqui é um estado pelo qual tenho gratidão. Eu lembro que eu vim aqui, em 1980, eu não conhecia nenhum de vocês ainda. Eu vim aqui, na Justiça Militar



de Manaus, eu fui condenado a três anos e meio de cadeia, porque eu tinha protestado contra a morte de um dirigente sindical, lá em Brasiléia, no estado do Acre. Depois, eu fui absolvido, lá em Brasília. Mas o carinho que eu tenho por este estado é pelo tratamento que o povo me deu todas as vezes que eu vim aqui.

Eu quero terminar, dizendo para vocês que o governo poderia estar choroso, porque em dezembro alguns senadores tiraram 40 bilhões de reais do governo federal. Desses 40 bilhões, a gente ia colocar 24 bilhões na saúde, 24 bilhões eram para cuidar da saúde, eles tiraram. Não tem problema. Vão fazer falta 40 bilhões, mas nós vamos arrumar mais. Pode demorar um pouco mais, um pouco menos, mas nós vamos arrumar dinheiro. O que eles têm que saber, e eu digo isso todos os dias: em 2005, eles pensavam que eu tinha acabado e acharam que iam ganhar. Agora, eles sabem que eu sou um cumpridor da democracia e da Constituição e que, portanto, não tem essa de terceiro mandato, termina agora, em 2010. Eles têm que saber. Eu não brinco com democracia, porque toda vez que se brinca com a democracia, a gente quebra a cara. A alternância de poder é importante. Toda vez que um dirigente político se acha imprescindível e insubstituível, está começando a nascer um pequeno ditadorzinho dentro dele. E eu sou democrata. Agora, o que eles têm que saber, em alto e bom som, e podem até ficar com mais raiva de mim, é que nós vamos fazer o próximo Presidente da República neste País. Eles podem ficar certos. Eles podem ficar certos que nós vamos fazer. Agora, para isso, nós temos que trabalhar, não tem moleza. As coisas não estão feitas ainda, tem muita coisa para fazer. E se a gente trabalhar cada dia mais... e é uma convocação que eu quero fazer para os prefeitos, agora tem eleição, vocês têm que saber que a eleição não é uma guerra, é uma disputa. Depois das eleições, vocês têm que continuar companheiros e amigos. Não é possível que a cada eleição se faça uma guerra. Que o povo, na sua sabedoria, eleja o melhor. Que a disputa seja democrática e transparente. E eu, da minha parte, e



você, Eduardo, da sua parte, nós iremos governar com quem ganhar as eleições aqui na cidade de Manaus. Esses atos estão ficando complicados para a presença do Presidente, porque a gente não pode transformá-los em um ato de campanha, porque é um ato oficial, é um ato institucional. Aqui é um lançamento e a assinatura de contrato do governo federal. Vocês viram que eu, por cuidado, não citei nomes. Vocês é que, de enxeridos, gritaram nomes aí. Eu não citei nomes.

Então, companheiros e companheiras... Eduardo, eu quero te dar os parabéns, porque uma obra dessa, ver o filme que eu vi, ontem à noite, e ver isso que está aqui é quase como a gente sair do inferno e ir para o céu. E eu espero, Eduardo, que a gente possa fazer muito mais, porque temos quase três anos de mandato, aprendemos a governar e certamente nós vamos fazer Manaus, o Amazonas e o Brasil muito melhor do que o Brasil que nós herdamos quando nós ganhamos as eleições.

Um grande abraço e até a próxima volta a Manaus ou Amazonas. Um abraço, companheiros.

(\$211A)